

TRIVIAL VARIADO
RUBEM BRAGA

BRAGA, O PROFETA

Manda-me um leitor recorte de uma crônica minha de dezembro de 1963 com o título Profecias para 1964. Ele acha que acertei em muita coisa. O leitor, lendo a crônica, verá.

É verdade que se poderá alegar, contra mim, que não previ nem a morte de Kennedy nem a destituição de Krushchev.

Ora, acontece que evitei fazer profecias no plano internacional. Pode-se dizer, em meu abono, que mostrei com isso uma perfeita discrição. Além disso há coisas previstas no campo nacional que ainda não aconteceram, mas podem perfeitamente acontecer até o fim do ano.

Mas vamos à crônica:

"Para falar verdade, minha bola de cristal está meio turva e consegui apenas captar algumas imagens e palavras do Repórter Esso, de 14 de junho de 1964, do Jornal Excelsior, de 7 de novembro, de um Repórter Continental, de fevereiro (parece que 7) e da Reportagem Ducal da madrugada de 19 de dezembro do mesmo ano, isto é, do ano que vem.

Isso, aliás, é maneira de dizer: o ano não vem coisa nenhuma, ele já está lá em seu lugar, nós é que vamos a ele, e quando digo nós, isto é, os leitores e eu, devo acrescentar, ou melhor,

restringir, dizendo nem todos, pois é não somente possível mas certo que algum dentre nós, ou de preferência, algum dentre vós (mas não necessariamente tu, timorato leitor) não chegue a emplacar 64.

E esse não perderá grande coisa.

Vejo greves, prisões de militares, dólar subindo; ouço tiros, gemidos e urros, divisões atentados, quebra-quebras e, de um modo geral, muita ignorância. Não consegui apurar qual o regime vigente no País em dezembro de 1964, mas ouvi um sujeito berrando que era um regime de fome e de opressão. Isso aliás não me impressionou, porque sei que o pessoal é muito exagerado.

Ouçó bombas, mas não precisamente o troar da poderosa artilharia, embora animado fogo de metralhadoras e divergências entre corporações militares. O irmão Zarur está orando, Lacerda perora aos moços, Brizola deixa o Governo (deve ter entrado antes, mas isso não vi), Juscelino parte voando em todas as direções, desquite de uma das dez mais (não digo o nome: estou na boca de espera), crime crapuloso envolvendo jovem de alta sociedade, tiroteio na boate, escândalo com uma grande companhia financeira de investimentos, participa-

ções e valôres, samba da bossa nova intitulado *Sô Você, outro idem intitulado Nem Você, idem, idem, idem Vocêzinha, idem Euzinho, idem Le-Blon-Blon-Blon*. Ouço a marchinha de carnaval Manda Brasa, depois adaptada para a campanha de Ademar, palavras na Câmara, declaração do Sr. Rui Gomes de Almeida de que, a vigorarem os novos tributos, o comércio terá de fechar as portas, banco mineiro dos bons emprestando a 8 por cento, grande procura das novas séries da emissão de notas de 100 cruzeiros para uso como papel de parede para dar ambiência imperial (efigie de Pedro II) aos apartamentos da nova classe, tiro na praça de grande empresa imobiliária, discurso no Senado propondo que em vista do acendrado patriotismo e insuperável eficiência dos diretores da Capuava é melhor permitir que eles desapropriem a Petrobrás, aliás acusada de estar fabricando e estoquando coquetéis Molotov com fins inconfessáveis — e mais não digo, embora saiba muito mais, porém já falei demais, e como dizia o Dorival Cai-mi lá em Cabo Frio, é melhor guardar minha boca para comer minha farinha, amém.